

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

98/1

EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLA E SUAS PROFESSORAS

Por:
Dirlene Aparecida de Lima Freitas

Orientação:
Maria Amélia Souza Reis

Rio de Janeiro
1998

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNI-RIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – C.C.H.
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

REITOR: HANS JURGEN FERNANDO DOHMANN
DECANO: MARIA TEREZA W. T. DA C. FONTOURA
DIRETORA: JANETE DE OLIVEIRA ELIAS
PROF^a RESPONSÁVEL PELA DISCIPLINA: GILDA GUMBRACH DE MENDONÇA
PROF^a ORIENTADORA: MARIA AMÉLIA DE SOUZA REIS
PROF^a LEITORA: JANETE OLIVEIRA ELIAS

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLA E SUAS PROFESSORAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio) para
a obtenção da graduação em Pedagogia.

Rio de Janeiro
1998

FREITAS, Dirlene A. de Lima. Educação Sexual, Escola e Suas Professoras. Rio de Janeiro:
UNI-Rio, 1998. p. 45

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que efetuei a leitura final da monografia intitulada Educação Sexual, Escola e Suas Professoras, realizada pela aluna Dirlene Aparecida de Lima Freitas, matrícula número 942351085, que cursando a disciplina Monografia, obteve grau 10.0 (dez).

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1998.



DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que a aluna Dirlene Aparecida de Lima Freitas, matrícula número 942351085, cursou a disciplina Monografia, sob minha regência desenvolvendo monografia intitulada: Educação Sexual, Escola e Suas Professoras, na qual obteve grau 10.0 (dez)

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1998.

Janeiro

Escolas... são mais um importante ponto de encontro e conspiração. Caso as escolas já não valham tanto por suas aulas, elas ainda valem muito por seus corredores, pátios, diretórios estudantis e cantinas. São espaços políticos.

Escolas... seguem ignorando o princípio humano do prazer pois tratam o corpo do aluno como um fardo inexpressivo quando este é o berço de todas as significações da vida.

Regis de Moraes

DEDICATÓRIA

A minha família e em especial ao meu noivo pelo estímulo e esforço dispensados à minha formação profissional e pessoal.

MEUS AGRADECIMENTOS

- À Deus, pelo meu ter e pelo muito que tenho a construir para ser.
- Aos meus pais, Dogivan e Gildete, que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade, e que muitas vezes renunciaram dos seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus.
- À minha irmã, Darcilene, pela torcida incessante e pelo carinho de sempre.
- Ao meu noivo, Delman, pelo amor e compreensão sempre dedicada nas horas em que, atribulada pelo estudo e trabalho, não tive tempo de ser a pessoa que ele precisava.
- À minha orientadora, mestra e amiga, Maria Amélia, que de forma solidária e competente me auxiliou na realização deste trabalho, dividindo comigo seus conhecimentos, seu atribulado tempo e sua amizade.
- Às minhas amigas do grupo de estudo, pelas vezes que sorrimos e choramos juntas, dividindo emoções, diversões e a árdua luta de cumprir com rigor os trabalhos universitários.
- A todos que, de alguma forma, colaboraram para a realização deste trabalho.

RESUMO

A forma pela qual a Educação sexual tem sido tratada na escola, não cumpre seu princípio norteador, na medida em que impede que o educando assegure o pleno direito à sua própria sexualidade. Com isso, a sexualidade se torna, para a criança e o jovem, um tabu, uma verdadeira gama de preconceitos que distorcem a sua real significação.

A escola que se conhece é tradicionalmente conservadora e encontra dificuldades para inserir a sexualidade em seu currículo, limitando-se a conteúdos programáticos, não considerando as inquietações da puberdade, além de rotular as manifestações de ordem sexual como problemas. Assim, verifica-se a necessidade de realizar uma abordagem profunda a respeito da Educação Sexual na escola, visando provocar uma reflexão crítica sobre o tema, capaz de reverter a situação de hipocrisia que predomina, levando, com isso, o jovem a compreender que a sexualidade é fator positivo e imprescindível na construção da alma humana.

Desta forma, vemos que a Educação Sexual requer urgente reformulação a fim de propiciar sua verdadeira intenção: preparar crianças e jovens para seguirem seus próprios caminhos através de uma efetiva educação que conceda a estes chances concretas de se realizarem plenamente, em todos os setores de sua vida.

SUMÁRIO

CAPÍTULOS	PÁGINAS
Introdução	09
1- Educação Sexual e seu Histórico	11
1.1 Contexto Histórico da Sexualidade	11
1.2 Educação Sexual nas Escolas Brasileiras (um breve histórico)	16
2- Educação Sexual, Escola e Suas Professoras	20
3- Educação Sexual ou Orientação Sexual? O que se deve praticar na Escola? ...	23
4- Uma Nova Perspectiva de Educação Sexual: Visão Sócio-Antropológica	31
5- Pesquisa de campo	35
Conclusão	41
Referências Bibliográficas	44
Anexos	45

INTRODUÇÃO

Até o presente momento, a escola tem se mostrado descomprometida com o aspecto do desenvolvimento sexual dos indivíduos. Esta instituição não responde a esta dimensão nem ao que ela desperta no seu aluno, levando-o a reclamar uma atenção especial e um compromisso com a informação.

A escola democrática deve proporcionar aos indivíduos que estão sob sua responsabilidade, algo mais que a mera apropriação do conhecimento de conteúdos programáticos. Essa escola deve se preocupar em proporcionar aos seus alunos condições mais concretas para habilitá-los a vencer os desafios da atualidade.

O indivíduo cresce sem merecer da escola o tratamento necessário, com isso, se revelará mais tarde num adulto de reações ambíguas, incapaz de sustentar discussões por falta de conhecimento adequado para lidar com a contradição social.

A escola atenta às exigências da sociedade dedica ao seu aluno um conhecimento abrangente, mas a escola que se conhece é tradicionalmente conservadora e tem dificuldade para inserir a sexualidade em seu currículo.

Essa escola não se detém e passa por cima das inquietações da puberdade, além de rotular as manifestações de ordem sexual como problemas.

Diante de tal problemática, surgiu a necessidade de realizar um estudo aprofundado a respeito da dimensão da Educação Sexual na escola, com a intenção de provocar a reflexão crítica sobre tal tema. Sabe-se, de antemão, que educação sexual é assunto polêmico e controvertido, tanto quanto a postura da sociedade diante do sexo, em qualquer manifestação.

A sexualidade sempre fez parte da condição humana e por isso, sempre foi objeto de interesse e reflexão do homem. Sendo assim, nada mais pertinente que a percepção da escola sobre a importância desta abordagem.

A pesquisa deste estudo resume numa abordagem bibliográfica, a partir de pressupostos teóricos, com consultas a alguns autores especializados no tema. Num segundo momento,

tornou-se imprescindível adotar a pesquisa de campo a qual confere os pressupostos com a realidade, passando pela crítica.

Este trabalho será desenvolvido em 5 capítulos:

O primeiro capítulo faz uma abordagem da sexualidade em seus aspectos históricos onde fica claro a visão medicalizante da Educação Sexual ao longo dos anos. O segundo capítulo ressalta a centralidade deste trabalho, relacionando a Educação Sexual, escola e suas professoras. O terceiro trata sobre o que se deve praticar na escola: Educação Sexual ou Orientação Sexual? Por último, o quarto capítulo retrata uma nova perspectiva de Educação Sexual trazendo a cena uma visão social do assunto, seguida pela pesquisa de campo, através da qual é possível obter concepções de professoras traduzidas mediante uma amostra colhida em escolas públicas de período integral que atendem ao 1º segmento do 1º grau.

Se a sexualidade e o trabalho pedagógico não se antagonizam, por que torna-se difícil pensar na relação sexualidade e educação? É preciso assumir um espaço alternativo entre a ciência e o saber, para crer no resgate da educação como fonte de libertação dos preconceitos e discriminações.

1- EDUCAÇÃO SEXUAL E SEU HISTÓRICO

A estratégia da nossa educação sexual está direcionada ao adulto e traduz-se em colocações marginalizantes e neutralizantes. Na maior parte dos casos não existe nenhuma intenção de educar para o exercício da sexualidade, mas unem-se todos os esforços numa educação para a repressão da sexualidade. (Bernardi, 1985)

O termo sexualidade é definido como: a vida é sexual⁽¹⁾, ou ainda: qualidade do que é sexual⁽²⁾, ou como: conjunto dos fenômenos da vida sexual, sexo⁽³⁾. Estas definições não conseguem expressar o real sentido da palavra. A sexualidade, para Bernardi (1985), é *o amor mais especificamente colorido de erotismo*. Chauí (1984), considera a sexualidade uma simbolização do desejo. De acordo com a cultura, na biologia, este termo só apareceu em 1838 e, na Psicanálise, data de 1924, ou seja, a palavra sexualidade só apareceu realmente no século XIX. Por que será? O que é sexualidade, afinal?

A sexualidade não se resume ao ato sexual e aos aparelhos genitais masculino e feminino. Ela é mais do que isso. É todo prazer que o indivíduo sente, seja através de atividades físicas ou psíquicas. A sexualidade é, então, algo natural. E por que, muitas vezes, ela é encarada, de forma negativa? Qual o motivo da sociedade procurar, a todo custo, controlar a sexualidade dos indivíduos? Adiante, abordaremos a história da sexualidade, buscando dar um enfoque realista, procurando entender o porquê do negativismo em relação a ela.

1.1 – CONTEXTO HISTÓRICO DA SEXUALIDADE

A sexualidade foi encarada sob diferentes óticas, dentro de cada contexto social de uma determinada sociedade. No início do século XVII, havia uma franqueza frente às questões sexuais. Com a formação da pequena burguesia, começou uma onda repressiva, que provocou uma mudança no modo de encarar a sexualidade, que passou a se tornar um tabu. *A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa.* (Foucault, 1992) Com o advento do capitalismo, torna-se necessário “desviar-se” das más condutas, ou seja, deixar de lado a sua própria sexualidade para dedicar-se ao trabalho.

(1) Novo Dicionário Esparsa da Língua Portuguesa. Matatias Soares

(2) Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa. Prof. Alpheu Tersariol

(3) Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Aurélio B. de Holanda

Um princípio de explicação se esboça por isso mesmo: se o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa; na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar – se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que permitem reproduzir-se?. (Foucault, 1992)

A sexualidade, portanto, passa a ser encerrada de outra forma: ela tem agora fins especialmente procriativos. O homem passa a ser considerado como mera força de trabalho; não pode utilizar suas energias em fins que não sejam produtivos. O Estado, então, passa intervir de forma incisiva diante da sexualidade dos cidadãos. Como enfatiza Foucault:

Através da economia política da população forma-se uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos nos limites entre o biológico e o econômico. Aparecem também as campanhas sistemáticas que, à margem dos meios tradicionais – exortações morais e religiosas, medidas fiscais – tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada... Que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e o uso que dele fazem e, também, que cada um seja capaz de controlar sua prática. Entre o Estado e o indivíduo, o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram.

Com toda essa intervenção surge a “repressão sexual”, uma vez que a satisfação do corpo, tendo maior importância do que o acúmulo de bens, acabaria prejudicando o capitalismo. Assim, era preciso preservar os indivíduos do desgaste físico em favor dos gastos de suas energias em atividades produtivas, o que é um equívoco.

Um fato interessante é que, se a sexualidade passou a ser reprimida com tanta veemência, os discursos se proliferaram, e muito. Começou-se a falar sobre sexo como nunca antes se havia falado. *O cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente.* (Foucault, 1992) A igreja também

passa a ter um importante papel no que concerne às questões sexuais; é através dela que a repressão se dá de forma incisiva. Ela passa a atribuir cada vez mais importância na penitência, em detrimento, talvez, de alguns outros pecados, a todos as insinuações dos pecados carniais. *A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder.* (Foucault, 1992) Através da confissão, então, passa-se a controlar a vida, sobretudo sexual, de todos os indivíduos. Berge (1968) afirma que *os prazeres carniais parecem ter estranhamente adquirido, no espírito do público, o monopólio do pecado.* O pecado mais impuro seria, então, o pecado sexual. Já Reich (1977) deduz que *o caráter específico da atmosfera sexual-ideológica é a negação social e a degradação da sexualidade, que fazem seu efeito em cada indivíduo isolado da sociedade autoritária no processo da repressão sexual.* Esta afirmação traduz muito bem o momento repressivo porque passou aquela época.

O contraditório é que, apesar de se pregar toda uma rede de normas e regras a serem seguidas pelos indivíduos, a prostituição começava a se tornar parte integrante do contexto social. *Fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu triplice decreto de interdição, inexistência e mutismo.* (Foucault, 1992) A hipocrisia reinava absoluta. Reich (1977) afirma que

Toda ética oficial é, porém, necessariamente sexual-negativa, mesmo que na luta com os fenômenos reais da vida sexual também façam algumas concessões à satisfação sexual, mesmo que a classe dominante nessa ética oficial leve uma vida sexual tão contraditória a ela e a fomento.

Já Bernardi (1985) diz que *trata-se de uma falsidade que, apesar disso, passou a fazer parte dos costumes e que é considerada absolutamente normal.* E como era encarada a sexualidade das crianças? Não era reconhecida, pois era considerada inexistente. Com a formação da burguesia, começaram a ser constituídas casas populares, com cômodos separados para pais e filhos; antes, todos dormiam juntos. Com isso, a sexualidade passou a ser exercida em ambientes fechados (quarto dos pais). Fora deste cômodo, era estritamente proibido falar ou até mesmo fazer alguma menção em relação ao sexo. Com isso, as crianças passaram a ver o sexo como algo, escondido, condenável. Foucault (1992) explica muito bem esta questão:

As crianças, por exemplo sabe-se muito bem que não tem sexo: boa razão para interdita-lo, razão para proibi-las de falar dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venha a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. Isto seria próprio da repressão e (...) constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber.

A repressão sexual infantil era apoiada pelos meios científicos, como forma de combater os ímpetos sexuais que, porventura, surgissem. A masturbação, por exemplo, era considerada perniciososa e maléfica à saúde, debilitando o intelecto e predispondo à impotência e à tuberculose. Já as relações sexuais pré-matrimoniais *depauperam o organismo, que a castidade revigora. Se uma pessoa deitar ao lado de uma pessoa nua provoca a absorção de suores venenosos desse companheiro, ou companheira, de cama. Indica-se também a quantidade: cerca de um quarto de litro por noite.* (Bernardi, 1985)

Como vemos, a ciência tinha em si um domínio absoluto na consciência ingênua dos indivíduos, servindo para perpassar-lhes inconscientemente, valores que lhes eram incutidos e seguidos à risca, sob pena de se arriscarem em relação à sua própria saúde. A Psicologia também era órgão regulador da sexualidade dos indivíduos. Os chamados “desvios sexuais” eram combatidos ferozmente pelos psicólogos. Um exemplo clássico constata-se em relação ao homossexualismo:

Através da medicalização classificatória, o homossexualismo se tornou uma ESPÉCIE SEXUAL (como há espécies em Botânica e Zoologia) e um TIPO SOCIAL. De atividade, transformou-se num “modo de ser” que determina todas as outras atividades e o destino pessoal de alguém. Não é apenas uma doença, disjunção ou perversão: é quase uma coisa. (Chauí, 1984)

Todos os indivíduos que não se adequavam, então, dentro das “normas” impostas pela sociedade, eram considerados verdadeiras “aberrações da natureza”.

Apesar disso, o homossexualismo nem sempre foi totalmente condenado. Na Grécia e em Roma, no século XVIII, a pedofilia (o termo homossexualismo é mais recente – século XIX) era

considerada normal e até era estimulada, pois se achava que o amor verdadeiro só era possível entre pessoas do mesmo sexo. Já o casamento era uma união que representava a inserção de outros sentimentos (respeito, amizade, etc.) que não o amor. Contudo, o único que poderia praticar a pedofilia era o adulto livre e ativo, ou seja, um adulto que tivesse seu lugar na sociedade. O jovem era considerado passivo pela sua pouca idade; já o escravo era um ser desonroso. Portanto, as relações homossexuais só eram permitidas entre um homem e um jovem livre (no papel de passivo) ou um homem e um escravo. Assim, vemos que em diferentes épocas e culturas, a sexualidade foi e é encarada de diferentes formas.

O século XX nos trouxe um certo afrouxamento de valores sobretudo os sexuais. Toda cultura ocidental enfatiza a CIÊNCIA SEXUAL, ou seja, discute as questões relativas à sexualidade dos indivíduos através da ciência para melhor poder controlá-la. Como afirma Chauí (1984)

Visam a normalização no campo social: especifica-se o que é lícito e ilícito, através das normas regentes; no campo religioso: no campo religioso distingue-se entre o pecaminoso e o não-pecaminoso e no campo científico, objetiva-se a efetiva saúde pública, o controle e a boa administração sócio-econômica. Já a cultura oriental, através das artes eróticas, desenvolve formas de iniciação ao prazer e à satisfação sexual.

A sexualidade é, então, na nossa cultura, freqüentemente enfatizada nos discursos. Entretanto fica a questão: Por que ela não é mostrada de uma forma natural? Bernardi (1985) acha que

A sexualidade sempre nos dá medo, talvez porque a tenhamos “liberado” de maneira aparente e enganosa. Nosso medo é tanto que nos obriga a inventar um método de defesa contra ela. E temo que este medo da sexualidade não seja senão o medo do amor, medo de amar e de ser amado.

De fato, o ser humano, que se diz tão evoluído intelectualmente, se torna um ser extremamente inseguro, no tocante às questões amorosas, talvez por puro medo de se entregar plenamente à felicidade.

Tendo abordado o histórico da sexualidade onde a mesma adquire diferentes visões no decorrer dos anos mediante o contexto social de uma determinada sociedade, é chegado o momento de relatarmos um breve histórico acerca da Educação Sexual nas escolas brasileiras.

1.2- EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS BRASILEIRAS (UM BREVE HISTÓRICO)

Desde o início do século XX observam-se preocupações com a Educação Sexual no Brasil, mas com tendências variadas ao longo dos anos o que é um fato típico na história da sexualidade, como já foi visto a pouco.

Segundo Barroso (1982), a história da Educação Sexual no Brasil oscilou entre momentos de avanços e de recuos. Já no começo do século XX, eram fortes as tendências higienistas entre nós. Elas apregoavam a necessidade de uma educação sexual que fosse eficaz no combate à masturbação e as doenças venéreas e que preparasse a mulher para desempenhar adequadamente, seu “nobre” papel de esposa e de mãe. O organismo ainda era, como vimos, abominado, bem como as doenças venéreas. Quem as tinha era considerado um ser à margem da sociedade. Em relação à inferiorização da mulher, então é marcante o seu papel de passividade, de mera “sombra” do homem.

A partir de 1920, a Educação Sexual passou a ser reivindicada por alguns grupos inovadores da sociedade nessa época: com o movimento da Federação Brasileira pelo Congresso Feminino, liderado por Berta Lutz, pretendia-se uma Educação Sexual com objetivos associados ao desenvolvimento da infância e a melhoria da maternidade.

Em 1930, a Educação Sexual é incluída no currículo do Colégio Batista do Rio de Janeiro a partir do ensino da evolução das espécies e da educação sexual. A princípio, as aulas limitavam-se ao aspecto reprodutivo, mas, em 1935, foram introduzidas a função masculina na reprodução. Por causa desse fato, o professor que ministrava essas aulas foi demitido em 1954, e ainda teve uma ação promovida contra ele pelo Colégio Batista, através da Justiça do Trabalho.

Conforme Barroso (1982), a década de 60 foi um período em que a educação sexual ocupou um lugar de destaque em algumas escolas brasileiras. Em 1963, num colégio mineiro, foram introduzidas aulas de Educação Sexual para alunos do 4º ano ginásial; em 1966, a experiência foi interrompida graças à intervenção de vários pais indignados. No Rio de Janeiro, várias escolas a incorporaram em seus currículos, porém, todas eram de cunho biológico. No colégio André Maurois do Rio de Janeiro, o caráter reprodutivo deu margem à novas indagações, e assim, as aulas evoluíram para outros aspectos, gerando uma crise geral na escola, que resultou na exoneração da diretora, na suspensão de professores e na expulsão de alunos. Em todas estas experiências, como se pode perceber, houve uma resistência total por parte da sociedade detentora do poder; todas as tentativas de abordagem sexual foram amplamente condenadas, com punições aos educadores que tentavam modificar a ordem social vigente.

Em São Paulo, foram realizadas várias experiências envolvendo grupos de alunos que participavam de debates semanais, onde eram discutidos temas propostos por eles. Concomitantemente, os pais desses alunos ficavam a par de todos os assuntos discutidos pelos seus filhos. Essas experiências duraram de 1961 a 1969. De 1954 a 1970, o Serviço de Saúde do Departamento de Assistência Escolar de São Paulo ministrou Orientação Sexual a meninas que estavam entrando na puberdade. As mães também participavam do projeto, que enfatizava as informações básicas sobre as transformações fisiológicas mais importante desse período. Esse projeto teve apoio total dos pais, que estavam preocupados com a ignorância de seus filhos em relação à sua sexualidade. No entanto, em 1970, o MEC interrompeu o programa.

Um progresso muito importante foi tentado pela deputada Júlia Steimbruck, em 1968. Ela apresentou um projeto de lei propondo a Educação Sexual obrigatória em todas as escolas do país. Contudo, este período histórico (pós- Revolução de 64) não permitiu a sua aprovação, já que o Brasil reprimia com veemência qualquer ato que atentasse contra a moral e os bons costumes da nação. Nessa época, muitas escolas foram fechadas e vários professores foram perseguidos. Em 1970, sob o parecer da Comissão Nacional de Moral e Civismo, o projeto foi totalmente negado, com justificativas do tipo *a inocência é a melhor defesa para a pureza e a castidade* (Barroso, 1982). Esta atitude praticamente intensificou toda a onda de conservadorismo que assolou o país. Em todos os âmbitos sociais, as propostas de educação sexual foram severamente reprimidas, sobretudo através da censura. A lei do silêncio foi a temática do momento, conforme podemos verificar a partir de Bruschini: *não havia nenhuma*

lei ou proibição formal contra a educação sexual. A interdição era difusa e, talvez por isso mesmo, mais eficiente. O assunto era tabu, que existia, mas não se falava mais sobre ele.

Como vemos, a repressão atuava sob um nível indireto, o da violência simbólica, onde não existia nenhuma lei, mas quem desrespeitasse as normas éticas vigentes, era punido.

Já em fins dos anos 70, foram realizados congressos sobre Educação Sexual nas escolas, por iniciativa particular. Também nessa época, foi organizado o 1º Seminário Técnico de Educação Sexual, com objetivos de controle populacional, procurando-se introduzir a Orientação Sexual nas escolas, o que causou grande polêmica.

Na mesma época, vale salientar que Maria Helena Matarazzo implanta um serviço telefônico destinado a responder perguntas sobre sexo e um programa de rádio e, em 1980, Marta Suplicy faz um quadro na TV Mulher falando sobre sexo. Assim, o assunto renasce em discussão na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, na Escola e em debates nas Universidades.

Com 1º Encontro Nacional de Sexologia, organizado pela Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia em 1983, deu-se início a uma série de congressos, encontros e publicações nesta área, com a participação de médicos, educadores e cientistas sociais.

Esses trabalhos, no entanto, são considerados ainda insatisfatórios, visto que apresentam apenas caráter pedagógico, médico ou religioso, estando assim, desvinculados de qualquer objetivo de transformação social.

Na realidade, podemos dizer que tanto na rede pública como na rede particular, existe o tabu e o preconceito contra assuntos ligados à sexualidade. A resistência a esse tipo de trabalho aparece, por exemplo, na alegação de falta de espaço e de receio da manifestação contrária por parte dos pais. Assim, freqüentemente, o que muitas escolas fazem é chamar um médico ou psicólogo para uma palestra, achando que o trabalho está sendo realizado.

Logo, a Educação Sexual no Brasil, até os dias atuais, vem se apresentando em movimentos isolados e de modo esporádico. Apesar de grande parte da sociedade perceber a importância desse trabalho, ainda não há uma vontade política em assumir programas desse tipo.

No entanto, os novos PCNs desenvolvidos pelo MEC em 1996 trazem mudanças de certa forma “significativas”, porém com substantivas dificuldades para o professor, como veremos no decorrer deste trabalho.

2- EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLAS E SUAS PROFESSORAS

A Educação Sexual na Escola, como já sinalizei, se torna uma questão séria porque sua prática ao invés de ser incisiva, modificadora, é conservadora do “status quo”. Assim, como as estruturas da sociedade são perpassadas por valores conservadores que se resumem a requerer plenitude moral e intelectual de cada indivíduo, apesar de se pregar aos quatro ventos uma nova visão pedagógica. O conservadorismo ainda vai impregnando os caminhos ideológicos desta nossa sociedade opressora. É a hipocrisia ainda predominando em todos os âmbitos da sociedade.

Os professores assumem, então, uma postura neutra perante a Educação Sexual e a sexualidade dos seus alunos, *fazendo da sexualidade um terreno à parte sujeito a uma misteriosa interdição e ainda lhes cabem defrontar-se com uma certa contradição aparente, onde deve, de um lado, permitir que o instinto sexual evolua naturalmente para a maturidade, e, por outro, tomar cuidados para impedi-lo de manifestar-se de um modo incompatível com as exigências sociais.* (Berge, 1968)

Como vemos, o professor exime-se de esclarecer sobre certos assuntos considerados perniciosos, mas, ao mesmo tempo, depara-se com certas circunstâncias que o fazem ficar sem saber o que fazer.

Overstreet (1960) diz que *a juventude tem mais do que um simples direito à sua sexualidade*. Essa afirmação é mais do que correta, pois a escola, além de não valorizar o aspecto sociológico da educação sexual, ainda tenta “manipular” a sexualidade do indivíduo, achando que este não percebe seus sentimentos, suas sensações, suas angustias e conflitos. Segundo Bernardi (1985), *a despeito de todo esforço educativo, o aluno sabe que não é um animal e muito menos uma flor*. Sabe que a sua sexualidade está irremediavelmente mesclada ao prazer. Daí a sua dificuldade de relacionar os aspectos puramente técnicos e biológicos apreendidos ou apenas transmitidos na escola com a sua realidade, com as dúvidas do dia-a-dia, da sua vida como ser ativo na sociedade.

É notório, que a educação sexual é imposta, fechada, e, acima de tudo, normativa, cheia de preceitos morais, juízos sobre o que é lícito ou ilícito. Ela considera o indivíduo um ser

assexuado, que não pensa e, muito menos sente. Um de seus objetivos principais é dessexualizar, tornando o indivíduo apenas um ser biológico, procriativo. Mas será que ele próprio não se considera um ser sexual ? Chauí (1984), recordando Freud considera que *o homem é um animal que tende a reprimir-se a si mesmo, e que se vale para isso da organização social*. Como vemos, a educação sexual tem como principal objetivo a chamada “repressão sexual”. Como o indivíduo, por si só, não pode potencializar toda sua sexualidade de forma espontânea, ele tende a se reprimir, a ser auto-policar, retardando ao máximo a satisfação de seus desejos, em troca de outros tipos de satisfação.

Essa situação, é a chamada sublimação: se o desejo sexual deve cair sob a proibição, é claro que ele deve ser transmutado em outros tipos de desejo. Não se pode impedir um indivíduo de querer algo, mas pode-se condicioná-lo a desejar coisas diferentes do exercício da sexualidade. É, na verdade, uma simples mudança no objeto de desejo. Mas este fato pode confinar o jovem a ter a sua vida voltada para atingir objetivos extrínsecos, deixando a sua vida pessoal de lado. De acordo com Chauí (1984), *a sublimação é uma mortificação do corpo e um confinamento da vida do corpo em coisas sem vida*. De fato, o indivíduo deve saber dosar seus desejos, mas naqueles aspectos da vida em que esteja empenhado em alcançar sua plenitude. Ao estabelecer objetivos, o êxito do lado pessoal deve estar interligado com o lado profissional e vice-versa, numa constante busca da plena satisfação pessoal.

Deste modo, o aspecto biológico como é tratada a sexualidade pela escola, nos deixa claro que, se esta omite o lado sociológico, também fragmenta as informações, separando corpo e alma, sensações do prazer. Como o homem é acima de tudo, um ser de sensações, a todo momento precisa saber dosá-las a fim de poder estabelecer parâmetros que permitam viver harmoniosamente com os outros indivíduos.

Os educadores e os professores em particular ao invés de estarem educando estão deseducando seus alunos, na medida em que estão passivamente contribuindo para formar mais uma geração despreparada sexualmente.

Nesse contexto, podemos destacar uma outra questão: a do despreparo dos educadores; Como educar se não houve para si uma educação eficiente ?

Tal questão será melhor abordada adiante, contudo, podemos adiantar que a cada passo a educação sexual esbarra em preconceitos e ao menor sinal de transformação encontramos resistências que estão dentro de nós mesmos, que fomos educados numa cultura repressiva em que sexo não foi assunto tratado como qualquer outro.

Desta forma, muitas vezes, os educadores em seu cotidiano escolar não sabem como agir diante de certas atitudes das crianças e conseqüentemente agem erroneamente privilegiando o aspecto cognitivo, desprezando o prazer, a emoção e o afeto bem como as diversas dimensões do saber humano, impedindo, por sua vez, uma maior reflexão sobre as possibilidades de mudanças. *Nós, professoras(es), fomos submetidas(os), treinadas(os) para não assumirmos riscos e, preferencialmente, não inventarmos o novo e pouco criarmos.* (Reis, 1997) Assim, o comum é repetir o modelo apreendido, contudo questiona-se: será que não poderia ser diferente ? Como agir dialogando, orientando sexualmente diante de tantas circunstâncias adversas?

3- EDUCAÇÃO SEXUAL OU ORIENTAÇÃO SEXUAL ? O QUE SE DEVE PRATICAR NA ESCOLA?

As experiências cotidianas, o comportamento individual e as informações incidentais recebidas em relação ao sexo já revelam a ocorrência de um processo de educação sexual informal, que favorece a incorporação de valores, símbolos, preconceitos e acima de tudo ideologias.

As vivências pessoais entram em contato com a personalidade e moldam uma forma muito particular sobre sexualidade. Essa visão individual pode ser rígida, liberal, severa ou lúdica, dependendo da influência das experiências.

Uma família que não se trata com afeto, que não se comunica, que não se toca, que não responde satisfatoriamente às inquietações das crianças está ensinando que sexo é aversivo. Uma outra família, que aborde a sexualidade de uma forma mais positiva transmitirá a noção de que sexo é gratificante.

Suplicy nos afirma que é através da relação com os pais que os seres humanos adquirem a capacidade amorosa e erótica que amadurecerá durante toda vida. Esta experiência é insubstituível para revelar a capacidade de manter, na vida adulta, uma relação de intimidade afetiva com outro indivíduo. Assim, o contato permanente da criança com os pais, os processos de socialização, as influências externas e o contato com grupos sociais diversos fazem parte da educação sexual.

A escola é um espaço privilegiado, que pode fazer uma intervenção pedagógica competente para favorecer a reflexão. Esta reflexão pode ser proposta pela escola através da problematização de temas polêmicos, num clima acolhedor de liberdade de expressão e de respeito.

A escola não pode fugir à sua responsabilidade de preparar os indivíduos para a vida adulta. Com este propósito educativo, se ela não abordar a questão sexual, estará transmitindo aos seus alunos a noção de que o assunto é um tabu e sobre ele não se deve falar.

A escola não pode se furtar a essa função, porque, na ocorrência de sua omissão, a educação sexual informal continuará a acontecer talvez, de modo repressivo, inadequado e

deformado. Sempre que se esquivar dessa responsabilidade, a escola estará se conformando com a existência de alunos desinformados e coniventes com tabus e preconceitos conservadores.

Segundo Suplicy (1994):

Sendo a sexualidade algo que se constrói e se aprende, parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir na alfabetização ao desempenho escolar, a escola não pode ignorar essa dimensão do ser humano e tem que investir na formação de professores para dar conta da tarefa. (p.7)

No entanto, alguns autores como a própria Suplicy (1994), Egypto (1992), entre outros, entendem que educação sexual não é apenas da alçada da escola, uma vez que compete com ela a família, a comunidade, os livros e a mídia. Ainda segundo os mesmos autores a orientação sexual é mais pertinente com a área da educação e se define como processo de intervenção sistemática no campo da sexualidade.

Essa diferenciação entre educação sexual e orientação sexual indica que a orientação sexual se propõe a fornecer informações sobre a sexualidade e organizar um espaço de reflexões e questionamentos sobre postura, tabus, crenças e valores a respeito de comportamentos sexuais, de maneira formal, sistematizada e temporária. Enquanto a *sexualidade como educação enfatiza os aspectos da informalidade e da educação não-sistemática exercitada em todos os momentos da vida dos humanos*. (REIS, 1992) Conforme Suplicy, a orientação sexual abrange o desenvolvimento sexual sob os aspectos da saúde reprodutiva, das relações interpessoais, da afetividade, da imagem corporal e da auto-estima. Focaliza as dimensões fisiológicas e psicológicas da sexualidade, através do desenvolvimento das áreas cognitiva, afetiva e comportamento do sujeito, sempre na dimensão individual, enquanto a Educação Sexual deve ser mais abrangente e considerar os aspectos sociais-antropológicos e da saúde coletiva.

Durante o processo de Educação Sexual, vale reforçar que a ação educativa deve ser planejada, sistemática e transformadora, o que exige educadores capacitados.

A orientação sexual, segundo Suplicy, 1994, nas escolas prevê atuar na área do desenvolvimento humano, levando o aluno a:

- gostar do próprio corpo;
- desenvolver a auto-estima;
- encarar sem culpa a sexualidade;
- relacionar-se com respeito e responsabilidade;
- exercer os direitos de Cidadania nas diferentes manifestações da sexualidade.

Prevê também atuar sobre os relacionamentos, levando o aluno a:

- identificar e expressar seus sentimentos;
- escolher modos de convivência;
- desenvolver relacionamentos significativos.

Prevê, na área de comunicação, levar o aluno a:

- avaliar alternativas para situações-problema;
- buscar informações e ajuda, quando necessária;
- responsabilizar-se por suas decisões;
- ser receptivo às mensagens dos outros indivíduos, ampliando sua própria visão de mundo.

Prevê, na área do comportamento sexual, levar o aluno a:

- buscar informações que contribuam para o esclarecimento e o desenvolvimento da própria sexualidade;
- reconhecer os próprios limites sexuais e respeitar os dos outros;
- ser capaz de tomar decisões e ser responsável por elas;
- usufruir e expressar a própria sexualidade ao longo da vida, em coerência com os próprios valores.

Prevê na área da saúde sexual, levar o aluno a:

- aprender a conhecer o próprio corpo e a cuidar dele;
- prevenir-se de abusos sexuais;
- buscar atendimento médico, em caso de gravidez;
- realizar regularmente exames preventivos;
- evitar contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus das AIDS.

Por fim, prevê, na área social e cultural levar o aluno a:

- vencer tabus e preconceitos ligados à sexualidade;
- respeitar pessoas com valores sexuais e estilos de vida diferentes dos seus;
- avaliar o impacto das comunicações familiares, culturais da mídia e da sociedade sobre os sentimentos, idéias, valores e comportamentos relacionados à sexualidade;
- defender o direito a informação precisa a respeito de sexualidade:
 - evitar comportamentos discriminatórios.
 - rejeitar estereótipos a respeito da sexualidade.

Esta é a visão global da orientação sexual que uma corrente pretende inserir na escola brasileira.

Guimarães (1995) defende outra visão, que, segundo ela, estaria mais compatível com a realidade das escolas públicas brasileiras.

Tal defesa tem por base o trabalho que a autora executou em escolas da Divisão Regional de Ensino de Campinas e que se fundamentou numa dimensão pedagógica que valoriza a dialética entre o indivíduo e o social.

A escola, tradicionalmente conservadora, demonstra que ainda não aceita bem a inserção da sexualidade em seu trabalho.

Segundo Guimarães:

Como todos, o profissional da escola se adapta às posturas novas do cotidiano, sem muito espaço de crítica. Passivamente, ele assiste TV, lê revistas e jornais, (...) mas na escola, e esse é o ponto intrigante, ele assume o papel repressor, sendo defensivo contra mudanças, omitindo-se aos fatos que pedem sua participação como um educador sexual.
(p.18)

Na prática pedagógica cotidiana, a escola não tem oferecido aos seus alunos mais do que meros conteúdos de Ciências e de Biologia como suporte insuficiente de educação sexual.

Até agora, a escola tem se sentido desobrigada de assumir posições frente à sexualidade de seus alunos. Por isso, omite conteúdos ligados ao sexo, realizando um trabalho repressor que revela uma escola sem qualquer compromisso com o social, apenas voltada para os conhecimentos formais, perdendo o referencial da dimensão humana.

A escola comprometida com a sociedade precisa levar seu aluno a penetrar no âmago da questão entendida como sexualidade. Fora da escola ou numa escola que não assume esse compromisso, a sexualidade é interpretada dentro de critérios referentes ao senso comum, como algo ligado à relação sexual e aos órgãos genitais, de forma restrita.

Falando da sexualidade, Chauí (1984) é esclarecedora quando diz: *Temos, assim, um fenômeno curioso, qual seja, o de que algo suposto ser meramente natural (sexo), sofre modificações quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação ao ser descolado do plano da natureza para o da sociedade, da cultura e da história.* (p.10)

É importante que a escola mantenha o entendimento natural sobre as manifestações da sexualidade, para que possa intermediar a construção do sujeito sexual, o professor, que orientará a relação afetivo-sexual do aluno.

O estudo da sexualidade necessita de uma abordagem multidisciplinar e interdisciplinar, uma vez que os elementos de uma disciplina são úteis as outras. Assim, é imprescindível a articulação dos conteúdos, para evitar a fragmentação do conhecimento.

Para Guimarães (1995), o ponto de partida do processo de desenvolvimento sexual na escola deve ser relacionado com os focos de conflito: namoro, intimidade, questões de estética e uso do corpo, relações familiares, choque de gerações, modelos de comportamentos sexuais e códigos éticos e morais.

A autora declara ainda que é preciso transcender o “momento-problema” em si, para tentar explicá-lo como uma produção sociocultural e como uma experiência individual. *É nestas circunstâncias que se estabelece o vínculo entre sexualidade e educação, quando o educador avalia o “problema” a luz de conceitos solidamente estruturados em diversas áreas do conhecimento.* (p.55)

É fundamental que esse educador assuma positivamente a própria sexualidade e seja capaz de tratar com naturalidade todas as questões levantadas pelos alunos, conduzindo os debates, criando oportunidades de expressão, ajudando a refletir e incentivando a troca de experiências e opiniões.

O curso de formação de professores não aborda temas relativos à sexualidade em seu currículo. Não faz qualquer abordagem com enfoque bio-psico-social, não propõe uma reflexão mais profunda sobre as relações interpessoais. Por isso, depois de formados, esses professores abordam apenas a reprodução, o aparelho genital, a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e alertam sobre a eventualidade da gravidez na adolescência. Os aspectos emocionais, éticos e culturais são esquecidos. O professor indicado para propor a educação sexual deve estar sempre disponível para repensar o seu papel profissional, eliminando posturas eventualmente inadequadas, autoritárias ou paternalistas.

A função principal desse professor, percebido por Suplicy como orientador sexual e por Guimarães como educador sexual, é ser um agente catalisador da discussão, problematizador de questões, que garanta um clima favorável do aprofundamento do tema e a exposição de idéias.

Para Suplicy, 1995:

O professor intervém nas situações de impasse, ressaltando a importância do pensamento divergente (...) Não cabe a ele dizer o que é certo ou errado, dar conselhos, impor valores, propor condutas, substituir os pais, dar exemplos de sua vida pessoal, falar de suas crenças ou extrapolar a área educacional.(p.87)

Para que o aluno se sinta respeitado em sua intimidade, é essencial que o professor demonstre ser capaz de ouvi-lo sem impor suas idéias.

Em suma, podemos dizer que é função da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, bem como aumentar a consciência das suas responsabilidades.

Ao promover um debate intenso entre os jovens e fornecer informações corretas, a escola dá ao adolescente a oportunidade de repensar seus valores pessoais e sociais, bem como lhe permite partilhar suas emoções com o mundo.

Em outras palavras, com um trabalho de Orientação Sexual ou Educação Sexual sistemática, na escola, é possível ajudar a juventude a se sentir madura para fazer escolhas baseadas no amor e no carinho, exercendo sua sexualidade com maiores chances de satisfação emocional e obtenção de prazer.

Sendo assim, a Orientação Sexual que se faz necessária nos dias de hoje, não deve, portanto, restringir-se à transmissão de conteúdos de biologia sobre anatomia, reprodução, métodos anticoncepcionais e doenças sexualmente transmissíveis. Visando uma ação transformadora, ela deve focar dimensões fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais, partindo de valores baseados nos direitos humanos, nas relações de respeito e igualdade entre as pessoas e na prática da cidadania.

Contudo, embora identifiquemos a importância da educação sexual sistematizada no espaço escolar, não podemos descartar as dificuldades para que a mesma se concretize, efetivamente, tendo em vista o fato da sexualidade encontrar-se em

campo minado de relações de poder e de discursos que a sustentam – discursos filosóficos, religiosos e científicos – entrelaçados em redes que foram, construindo ao longo da história presos a uma racionalidade que confere a primazia ao homem dos tipos padronizados e herdeiros de uma dada tradição moral, religião, ética e estética. (Reis, 1996)

Entretanto, somente dentro de uma visão sociológica, o educador tem a possibilidade de reverter a situação de hipocrisia que predomina na sociedade, levando o jovem a compreender que a sexualidade é fator positivo e imprescindível na construção da alma humana, como veremos a seguir.

4- UMA NOVA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO SEXUAL: VISÃO SÓCIO-ANTROPOLÓGICA

Uma nova perspectiva de Educação sexual implica necessariamente na questão dos Parâmetros Curriculares Nacionais – os PCNs – pois como requerer do professor a disponibilidade para ouvir, responder e orientar questões como aborto, virgindade, homossexualidade, pornografia e outros sem sequer estar preparado ou possuir uma formação para tanto ? Em outras palavras, como sugerir ao professor que eduque sexualmente sem instrumentizá-lo teórica e metodológica de modo a que tenha segurança nesta prática ?

Desta forma, torna-se claro que uma Educação Sexual diferente depende que o MEC, além dos PCNs, reformule medidas em que não estejam ausentes os mecanismos que devem garantir a efetivação daquilo que preconizam, não obstante as atuais medidas pareçam avanços, pouco representam. Afinal, é condição comum dos inúmeros projetos anteriores.

A exclusão dos profissionais de ensino na elaboração de tal documento nos leva a garantir que mais uma vez se comete o mesmo erro, tendo por um lado, a competência teórica, e por outro o esvaziamento dos conteúdos decorrentes da vivência dos professores. Novamente, temos *o fazer e o pensar, teoria e prática separados, relegando conseqüentemente, aos professores o papel de executores de propostas e medidas consagradas pelos interesses que lhes servem de suporte.* (REIS, 1998) Como, então, pode um projeto de tamanha responsabilidade obter efetividade?

Outro ponto que merece destaque e que evidencia a ausência de mecanismos que dão suporte à implementação da proposta se refere ao profissional que se pretende venha a desenvolver os pontos teóricos e metodológicos propostos para o tema. Segundo, a concepção metodológica adotada para os temas transversais, *todos as (os) professores (as) deverão estar envolvidos, já que a transversalidade será contemplada pelas diversas áreas do conhecimento (...) assim como acontece com todos os temas transversais e estará impregnando toda a prática educativa.* (REIS, 1998) Assim, cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade mediante sua própria proposta de trabalho. Como? Qual o caminho a seguir, se tal profissional não se encontra qualificado?

Logo, constatamos que o sucesso das propostas dos PCNs depende da atuação do professor em sala de aula. Torna-se imprescindível que a elaboração de parâmetros para a construção de currículos considere os saberes dos professores para o desenvolvimento da qualidade e potencialidade do trabalho docente; Conhecer quem é este profissional e o que ele pensa? De que lugar ele fala e de que lugar pratica sua ação educativa? Nesse sentido, estaremos caminhando para a elaboração de um currículo que comporte um trabalho sistemático com a sexualidade; enfim, trabalhando para construir uma nova perspectiva de Educação Sexual.

Até o momento, indicamos a trajetória para conceber uma educação sexual diferente, no entanto, resta-nos abordar como seria essa nova Educação Sexual? Como atuar neste campo minado de contradições, políticas, religiosas, morais e éticas? Vejamos:

A educação sexual não poderia limitar-se a ensinar certos pormenores de biologia animal, nem mesmo a evitar os desvios e perversões passíveis de um instinto particularmente acuado. Tem uma finalidade mais elevada: a de preparar para o amor, dando a essa palavra a sua acepção mais ampla. (Berge, 1968)

Finalmente, relataremos uma nova visão da sexualidade, sob uma visão sociológica, inserida dentro de um contexto social que permita finalmente ao educando brasileiro ter a oportunidade de exercer a sua própria sexualidade, segundo seus próprios conceitos.

Sabe-se, de antemão, que muito se discute sobre como reprimir atitudes consideradas “anormais”, mas nada se fala ou se faz em relação ao destino do jovem, seus medos, dúvidas ou ansiedades. Portanto, é dever, e não opção dos educadores, dar a oportunidade ao jovem, valorizando-o e assim, permitir que este se integre de forma positiva na sociedade. Mas como fazer isso? Valorizando apenas os aspectos biológicos da Educação Sexual, ou seja, dar ênfase às questões relacionadas à reprodução humana? Ou ainda utilizando-se de códigos secretos para conversar sobre sexo na presença dos filhos? Negando sua própria sexualidade? Perpetuando a situação de ignorância que assolou as gerações anteriores? Não. As linhas seguintes tentarão esclarecer como se pode de forma nada “pornográfica” e “indecente”, promover na mente de crianças e dos adolescentes a idéia da integração entre corpo e alma. Segundo Mizukami (1986), *a abordagem tradicional causa a formação de reações estereotipadas, de automatismos*

denominados hábitos, geralmente isolados uns dos outros e aplicáveis, quase sempre, somente às situações idênticas em que foram adquiridos.

Essa afirmação confirma e traduz a realidade da educação brasileira: a constante desvalorização do sujeito como pessoa, como ser de sentimentos, de sensações.

Para modificar a norma vigente, é preciso, antes de mais nada, ter em mente que o educador necessita estar aberto a novas perspectivas, encarando de modo positivo a sua própria sexualidade, para que então, possa desenvolver satisfatoriamente o seu trabalho.

Não se trata, portanto, apenas de uma distinção entre palavras, mas de uma postura ideológica, pois, enquanto para uns a educação sexual deveria se limitar a transmissão de informações biológicas, para outros seu objetivo deveria ser bem mais amplo, numa tentativa de atingir o indivíduo ao nível do psicológico e do social. (Barroso, 1992)

Antes de tudo, deve-se tomar uma real postura do que se quer, da visão do mundo que o educador quer desenvolver para que os outros sejam melhores, evitando atitudes contraditórias e hipócritas. O educador transformador, ou seja, aquele que está realmente engajado em orientar sexualmente, deve então:

- encarar de forma satisfatória a questão sexual e mostrar ao jovem que a sexualidade não é nada mais do que uma fonte de prazer e que ele deve aceitar a sua própria sexualidade, tratando-a como fato natural, próprio do ser humano em suas diferentes dimensões: sociais e culturais. A sexualidade é sim, fonte de prazer, mas não apenas sexual. Ela está presente em todas as instâncias, em todos os momentos de nossas vidas, o que justifica ser construída socialmente.
- esclarecer sobre as múltiplas relações entre sexualidade e sociedade, contextualizando-a dentro de uma ótica sócio econômica-cultural, este é o caminho e nosso desafio. A sexualidade, como vemos, se desenvolve, se reprime, se intensifica, de acordo com o período histórico em que se vive, com o contexto social do país. Por estarmos inseridos na sociedade, e sermos membros ativos desta, sofreremos um reflexo direto de suas influências.

- estimular uma atitude positiva frente à igualdade dos sexos e a emancipação feminina. Conscientizar de forma não discriminatória sobre as diferenças sexuais, recriminando a cultura machista e paternalista que ainda predomina em nossa sociedade. Valorizar a conquista da mulher como ser ativo na sociedade, e enfim, respeitar as individualidades de cada um, colaborando assim para uma melhor compreensão das relações interpessoais.
- favorecer para que se crie um clima propício ao debate aberto, permitindo que cada um mostre seu ponto de vista, sua visão de mundo, a fim de que se possa trabalhar com os vários aspectos, valores, que são de extrema importância para o desenvolvimento sócio-cognitivo do jovem, este é o desafio da escola nos dias atuais.
- por último, favorecer o respeito mútuo, a individualidade de cada um, bem como, suas escolhas sexuais.

No entanto, não podemos deixar de ressaltar que sendo o trabalho com educação um desafio na nossa sociedade, a tarefa da educação sexual torna-se duplamente difícil e que a cada dia, luta para existir, para fazer-se presente nas escolas, para vencer a indiferença, os mitos, os preconceitos, os tabus. Contudo, é preciso acreditar que é possível construir caminhos alternativos que nos levem a um projeto de Educação Sexual transformador, libertador e revolucionário, e que o presente trabalho esteja contribuindo desde já para tanto.

Portanto, é necessário acreditar que ainda vale a pena como já dizia Fernando Pessoa:

Sempre vale a pena se a alma não é pequena.

5- PESQUISA DE CAMPO

Tendo abordado, teoricamente, questões relativas a educação sexual, é chegado o momento de realizar uma pesquisa de campo a fim de verificar, dentro dos meus limites, dados da realidade que possibilitem vivenciar os fatos ressaltados no desenrolar deste presente trabalho bem como as concepções das professoras a respeito do assunto em pauta.

Dentre as técnicas utilizadas em pesquisa de campo, destacaremos o questionário como está melhor explicitado nas linhas abaixo.

Dez professoras, responsáveis pelo atendimento de alunos do 1º segmento do 1º grau responderam a um questionário especialmente elaborado para a coleta de dados pertinentes à discussão.

A partir disso, elaboramos uma amostra, atribuindo a cada um dos dez sujeitos da pesquisa um valor simbólico correspondente a 10%, para efeito de tabulação dos dados coletados.

Com relação as escolas referidas no questionário, as mesmas caracterizam-se por serem instituições públicas de período integral que adotam a concepção construtivista de ensino e da aprendizagem segundo a qual não deve ser entendida como método e sim como uma filosofia de educação que, em suma, quer dizer que o conhecimento é “construído” pelo próprio aluno que o desenvolve em contato com o meio.

É válido esclarecer que as escolas referidas atendem ao primeiro segmento do 1º grau e como são de período integral, funcionam das 8:00 às 17:00 horas, com intervalos para o almoço e recreação, os quais contam sempre com a presença da professora regente.

As escolas em questão estão voltadas a uma população de baixa renda, pertencente a comunidades carentes. A partir disso, fica claro a caracterização de seus alunos: crianças e adolescentes, humildes que vivem com dificuldades que muitas das vezes têm a merenda escolar como a única refeição.

Vejamos, finalmente as escolas referidas:

→ CIEP Charles Perrault (Nova Iguaçu)

→ CIEP Dauta Jobert Barreto (São João de Meriti)

→ CIEP Lindolpho Collor (Jacarepaguá)

→ CIEP Vinícius de Moraes (Jacarezinho)

Quanto ao tempo de experiência dos profissionais pesquisados, há quatro na função de regente há 6 anos, dois atuam há 10 anos e os demais possuem de 17 a 25 anos de docência.

De um modo geral, as professoras investigadas demonstram na sua prática escolar serem profissionais competentes que se esforçam para fazer um bom trabalho, suprindo as deficiências que seu curso de formação apresenta, como é possível observar a seguir na leitura das respostas do questionário.

LEITURA DO RESULTADO

1) Sexualidade é um assunto que deve ser abordado, preferencialmente:

- pela família – 60%
- pela escola – 30%
- por nenhuma destas instituições, porque devem ser orientadas pela experiência pessoal do indivíduo, em virtude de ser um assunto muito íntimo – 10%

2) A abordagem da sexualidade deve se referir, predominantemente:

- a aspectos sociais (comportamento) – 50%
- a aspectos pedagógico (didática das ciências) – 30%
- a aspectos sanitários (saúde / controle das D.S.T.) – 20%

3) A postura do professor, ao abordar sexualidade, deve ser eminentemente:

- orientadora (aconselhar os aluno, adequando o conhecimento a faixa etária) – 50%
- crítica (propor a escolha de padrões e modelos de comportamentos visando à integração do aluno na sociedade) – 30%

- investigativa (busca conhecer as concepções de seus alunos, para planejar adequadamente as atividades) – 20%
- 4) Acha interessante que o professor se especialize no assunto ?
- Depende, qualquer professor que sentir necessidade, deve se especializar no assunto – 80%
 - Sim, todo o professor deve se especializar no assunto – 20%
- 5) No âmbito da escola, o assunto merece consulta prévia à família ou pode ser introduzido no currículo, de forma autônoma?
- Depende da decisão dos professores – 50%
 - Prescinde da consulta – 20%
 - Merece consulta, levando em conta todos os dados – 20%
 - Merece consulta, fazendo ressalvas – 10%
- 6) A temática deve constituir:
- abordagem multidisciplinar – 60%
 - abordagem interdisciplinar – 50%
- 7) Já se sentiu despreparada para lidar em sala de aula, com alguma situação que envolvesse sexualidade ?
- Não – 50%
 - Sim, ocasionalmente – 30%
 - Sim, raramente – 20%
- 8) Seus alunos já solicitaram sua intervenção para informar, esclarecer ou opinar sobre algum aspecto da sexualidade ?

- Sim, muitas vezes – 40%
 - Sim, raríssimas vezes – 30%
 - Não – 20%
 - Sim, poucas vezes – 10%
- 9) A eventualidade de proceder a uma abordagem pedagógica sistemática sobre o assunto a constrange ?
- Não – 90%
 - Depende da situação em que ocorrerá a abordagem – 10%
- 10) Qual a faixa etária de seus alunos ?
- 8 a 16 anos (4)
 - 7 a 9 anos (6)

Que assuntos pertinentes à temática você acha interessante abordar com seus alunos?
Numere, por ordem de interesse.

* Abaixo as opções estão ordenadas de acordo com o resultado geral.

- 1) Comportamento social e responsabilidade – 90%
- 2) Reprodução – 50%
- 3) Doenças sexualmente transmissíveis – 50%
- 4) AIDS – 50%
- 5) Gravidez e anticoncepção – 40%
- 6) Tabus e preconceitos – 30%

A interpretação dos dados da pesquisa nos fornece o seguinte perfil das professoras em relação a Sexualidade:

- Profissionalmente maduras
- Acha que o assunto deve ser tratado primeiro pela família
- Considera que a abordagem da sexualidade deve ser social
- Adota a postura orientadora, para abordar o assunto
- Julga que qualquer professor deve se especializar no assunto a partir do momento que sentir necessidade
- Não considera imprescindível a consulta à família, para abordar o tema, isto dependerá da decisão dos professores
- Prefere a abordagem multidisciplinar do tema
- Nunca se sentiu despreparada para lidar com o assunto na sala de aula
- Já teve intervenção sobre o tema solicitado por alunos
- Não se sentiria constrangida para abordar o tema

AVALIAÇÃO DO RESULTADO

As professoras investigadas revelaram interesse pela abordagem da sexualidade pela escola e se mostraram sensíveis à urgência do tratamento pedagógico.

Demonstraram maturidade para lidar com o assunto, uma vez que foram capazes de refletir sobre o mesmo sem apelar para o preconceito.

Enfim, deram a entender que estão prontas para um trabalho sério e comprometido com as necessidades dos novos tempos, empenhadas na integração plena de seus alunos na sociedade.

Segundo Suplicy (1995)

A família e a escola reivindicam claramente que o adolescente seja esclarecido quanto à sexualidade. A influência da mídia, as ameaças representadas pela AIDS, pela gravidez indesejada e pela violência

sexual dentro e fora de casa, têm impulsionado a instituição escolar a implantar trabalhos de Orientação Sexual. (p.19)

CONCLUSÃO

Atualmente, o jovem brasileiro entra em contato com a sexualidade mais cedo e conversa mais sobre sexo, porém o que se percebe, é que apesar de tantas transformações, vários mitos e preconceitos ainda não foram superados. O jovem continua mal informado, pois o que sabe, aprendeu com colegas, também mal informados, ou através dos meios de comunicação, que informam apenas o que lhes convém, como afirma Guimarães (1995, p.57):

No campo da sexualidade, o jovem recebe através dos meios de comunicação, solicitações sexuais fragmentadas de acordo com os interesses do consumo. Isso se contrapõe a um grande silêncio de vozes educativas que na família, se espiam e na escola se calam.

Ao longo dos anos, a sexualidade humana tem sido encarada de forma negativa, como algo feio, sujo e pecaminoso que deve ser proibido e combatido. Hoje devido aos apelos da mídia, ao aparecimento da AIDS e ao grande número de adolescentes grávidas sem o menor preparo para assumir a maternidade, cresce, cada vez mais, a consciência da sociedade acerca de necessidade de proporcionar educação sexual às crianças e aos jovens.

Porém, não é fácil para os educadores de um modo geral, quebrarem certas barreiras que foram impostas pelas práticas educacionais. A dificuldade, principalmente da família, em lidar com questões sexuais, faz com que as pessoas se omitam ou reprimam as curiosidades e manifestações dessa natureza por parte das crianças e adolescentes, considerando-as como problemas que devem ser sanados.

Através de estudos realizados aqui, no entanto pode-se observar que a sexualidade por si própria não apresenta nenhum problema.

Os problemas relacionadas com ela são, normalmente produzidos pela tensão provocada por uma sociedade obsessivamente moralista e repressora.

Na verdade, a sexualidade faz parte da vida normal dos indivíduos, devendo, portanto, ser tratada naturalmente como qualquer aspecto do processo educacional. Nesse sentido, o desembaraço e a honestidade tem valor educativo muito mais elevado que o silêncio sistemático, comumente, utilizado pelas famílias.

Muitos tabus e medos ainda precisam ser vencidos para que haja uma conscientização da sociedade à respeito da sexualidade humana. É fundamental saber falar à criança e ao adolescente sobre esse assunto sem constrangimento, explicando-lhes em termos acessíveis tudo o que desejam saber, ensinando-lhes a refletir tão livremente sobre questões sexuais, como sobre outras quaisquer.

É nesse contexto, que surge a necessidade da realização da Educação Sexual a fim de propiciar uma visão mais ampla, profunda e diversificada acerca da sexualidade, tendo como desafio auxiliar crianças e jovens a expandirem seu potencial e não impedirem os movimentos que a natureza sabe realizar em direção ao bem-estar, ao prazer, a felicidade. Em outras palavras, ajudá-los a desabrochar, a realizar-se ou a resgatar-se como ser sexual, caminhando para a concretização de um direito humano: o direito de ser feliz sexualmente.

Contudo, é preciso antes de mais nada, valorizar o jovem como um ser que tem pleno direito à sua sexualidade, e o papel de todos nós, pais e professores, é de possibilitar a construção de uma consciência crítica no jovem esclarecendo-o da melhor maneira possível, de modo franca e aberto, de forma com que estes possam guiar suas vidas numa trajetória madura e saudável. Chega de falsos moralismos e hipocrisias que só fazem perpetuar a alienação que predomina no nosso sistema social.

Sendo a escola, instituição social mais importante na formação dos indivíduos, considera-se que esta deva ser a grande facilitadora dessa delicada discussão entre crianças e adolescentes. Espaço privilegiado para educar sexualmente e fonte segura e saudável de informações para a maioria dos jovens, nela, o educando tem a possibilidade de encontrar um espaço de confiança e intimidade para dialogar, confrontar idéias, trocar experiências e informações. Nesta instituição, o profissional da educação deve desenvolver, em seus alunos, o respeito ao próximo e a si mesmo e o direito ao prazer com responsabilidade, visando o exercício da cidadania e da individualidade a que todos tem direito.

Devemos ressaltar o fato de que ao permitir que a sexualidade do jovem evolua normalmente, sem choques, é indispensável que o educador tenha os necessários esclarecimentos sobre a marcha habitual dessa evolução, o objetivo ao qual tende e os obstáculos que podem encontrar no caminho. Muitas vezes, a imprudência e a inabilidade de um educador pode levar o jovem a encarar a sua sexualidade de maneira equivocada, fato que pode provocar conseqüências

desastrosas no curso de sua vida. A má preparação de professores leva a uma perpetuação de valores já distorcidos por gerações extremamente conservadoras do “status quo”. Portanto, o curso de formação de professores erra neste ponto, ao diplomar pessoas que não estão preparadas suficientemente para educarem de forma consciente seus alunos. Não estão preparados pois sequer decidiram sua própria situação perante a afirmação ou negação sexual. Sem tal clareza sobre a própria discussão perante a questão sexual, qualquer discussão será inútil.

Logo, é preciso, desde já que, nós, educadores de todo o país, repensemos nossos papéis, objetivando uma educação que seja plena, totalizante e não castradora e alienante. Se o ser humano tem direito à sua liberdade – também sexual – ele tem o direito de defendê-la. Mas não pode defendê-la se não se vale da crítica. E é esse o instrumento que devemos armar o cidadão, pois só através dele que as injustiças sociais e a hipocrisia serão combatidas

Concluindo o presente trabalho, fica a sensação de que muito ainda há por fazer, merecendo, por isso, futuras reflexões. No momento, este estudo parece ter cumprido seus objetivos:

- fornecendo, ainda que de forma breve, informações que possibilite ao educador lidar com a sexualidade da melhor forma possível.
- promovendo a reflexão sobre os sentimentos ligados às descobertas da sexualidade e criando condição para repensá-la, a partir de um novo ângulo.
- discutindo propostas com a intenção de procurar caminhos para a solução dos conflitos.
- permitindo o convívio com a liberdade ao relacionar opiniões divergentes.

Em última instância, resta a certeza de ter sido um belo trabalho em que procurou-se de todas as formas derrubar os tabus ao procurar a verdade que se escondia na falta do conhecimento, desejando um mundo melhor, mais saudável e mais responsável, colocando o saber a serviço da vida.

Se conseguiu, só o futuro dirá...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROSO, Carmem & BRUSCHINI, Cristina. Educação Sexual: Debate Aberto. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BERGE, André. A Educação Sexual da Criança. 3ª ed., Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1960.
- _____. A Educação Sexual e Afetiva. Rio de Janeiro: Agir, 1968. (Coleção Família).
- BERNARDI, Marcello. A Deseducação Sexual. São Paulo: Summus, 1985.
- CHAUÍ, Marilena. Repressão Sexual. 3ª ed., Editora Brasiliense, 1984.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I – A vontade de saber. 10ª ed., Edição Graal, 1992.
- GUIMARÃES, Isaura. Educação Sexual na Escola: Mito e Realidade. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo, EPU, 1986.
- OVERSTREET, H. A . A Maturidade Mental. 3ª ed., São Paulo, Companhia Editora nacional, 1960.
- REICH, Wilhelm. A Revolução Sexual. 4ª ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
- _____. O combate Sexual da Juventude. Porto, Textos Marginais, 1975.
- REIS, Maria Amélia Souza. PCNs: O Feitiço e os Feiticeiros. Rio de Janeiro: 1998, Trabalho apresentado na 21ª Reunião Anual da ANPED.
- SUPLICY, Marta. Conversando sobre Sexo. 15ª ed., Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. Sexo se Aprende na Escola. São Paulo: Olho d'Água, 1995.



ANEXOS

Questionário

NOME: _____

ESCOLA: _____

SÉRIE EM QUE LECIONA: _____

FORMAÇÃO: _____

BAIRRO: _____

POPULAÇÃO ATENDIDA: _____

TEMPO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE: _____

1. Sexualidade é um assunto que deve ser abordado preferencialmente:

- pela família
- pela escola
- pela igreja
- por nenhuma destas instituições

2. A abordagem da Sexualidade deve ser referir predominantemente:

- aspectos fisiológicos (reprodução)
- aspectos sanitários (saúde / controle das D.S.T.)
- aspectos pedagógicos (didática das ciências)
- aspectos sociais (comportamento)

3. A postura do professor, ao abordar a SEXUALIDADE, deve ser eminentemente:

- investigativa (procurar conhecer as concepções de seus alunos, para planejar adequadamente as atividades)
- exploratória (descrever para esclarecer dúvidas pertinentes)
- orientadora (aconselhar os alunos, adequando o conhecimento a sua faixa etária)
- crítica (propiciar a escolha de padrões e modelos de comportamentos, visando à integração de seu aluno na sociedade)

4. Acha interessante que todo professor deve se especializar no assunto?

- sim, todo professor deve se especializar no assunto
- não, nenhum professor deve se especializar no assunto
- Depende, qualquer professor que sentir necessidade, deve se especializar no assunto
- Somente o professor de Ciências Biológicas deve se especializar no assunto

5. No âmbito escolar, o assunto merece consulta prévia à família para ser introduzido no currículo?

- merece consulta, levando em conta todos os dados
- merece consulta, fazendo ressalvas
- prescinde da consulta
- depende da decisão dos professores

6. A temática deve constituir:

- disciplina particularizada
- abordagem interdisciplinar
- abordagem multidisciplinar
- tanto faz

7. Já se sentiu despreparada para lidar em sala de aula, com alguma situação que envolvesse sexualidade?

- sim, eventualmente
- sim, ocasionalmente
- sim, raramente
- não

8. Seus alunos já solicitaram sua intervenção para informar, esclarecer ou opinar sobre algum aspecto da sexualidade:

- sim, muitas vezes
- sim, poucas vezes
- sim, raríssimas vezes
- não

9. A eventualidade de proceder a uma abordagem pedagógica sistemática sobre o assunto a constrange?

- sim
- não
- depende da situação em que ocorrerá a abordagem
- depende do tipo da abordagem

10. A) A faixa etária de seus alunos é em torno de :

- 7 a 9 anos
- 10 a 13 anos
- 13 a 16 anos
- 16 anos em diante

B) Que assuntos pertinentes à temática você acha interessante abordar com seus alunos?
- Numere as alternativas, por ordem de interesse.

- Doenças sexualmente transmissíveis
- AIDS (especificamente)
- Comportamento social e responsabilidade
- Reprodução (processo)
- Gravidez e anticoncepção
- Tabus e preconceitos